

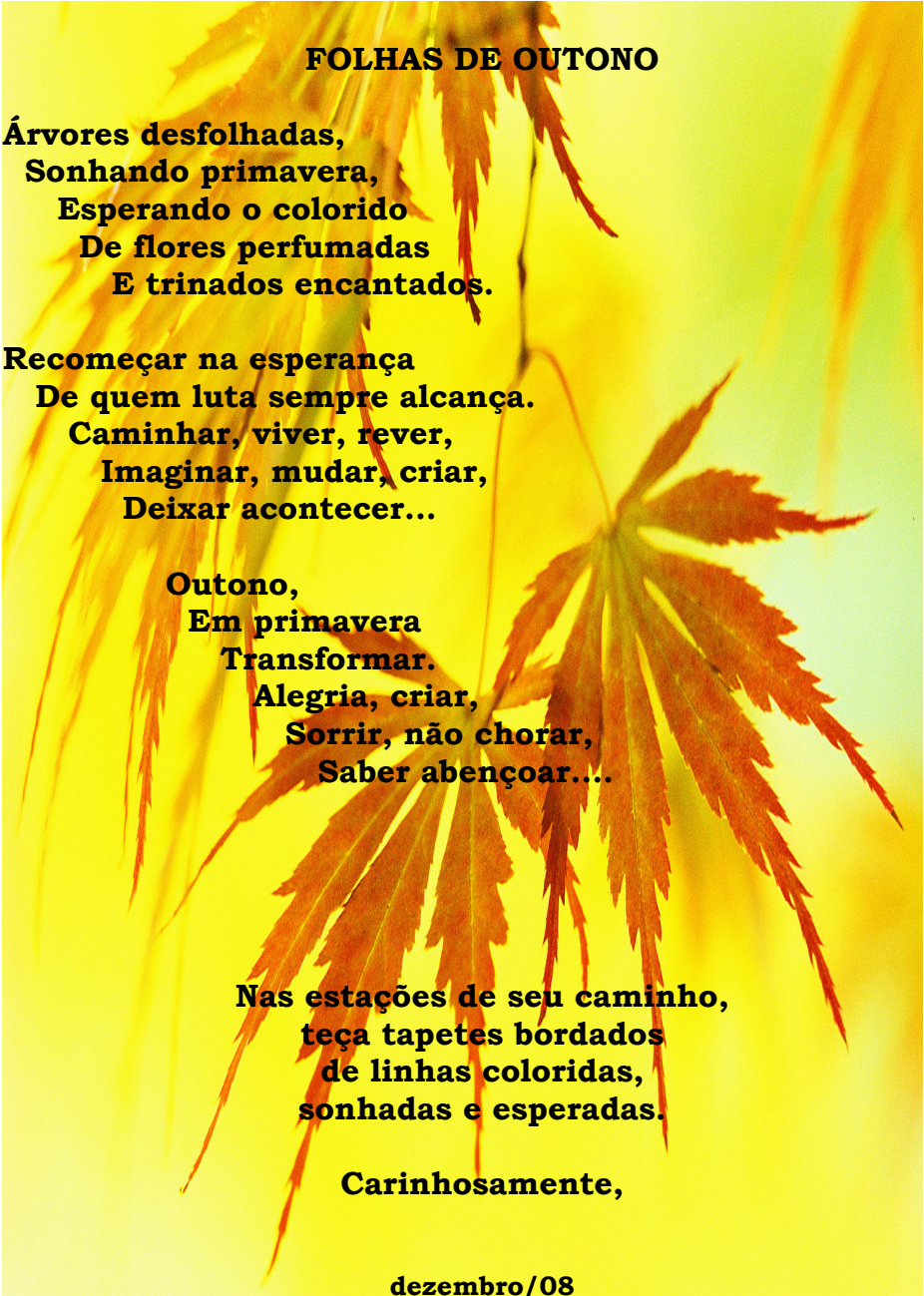


FOLHAS DE OUTONO

Maria Beatriz Sandoval Camargo



O que vale na vida
não é o ponto de partida
e sim, a caminhada.
Caminhando e semeando,
no fim,
terás o que colher.”
(*Cora Coralina*)



FOLHAS DE OUTONO

**Árvores desfolhadas,
Sonhando primavera,
Esperando o colorido
De flores perfumadas
E trinados encantados.**

**Recomeçar na esperança
De quem luta sempre alcança.
Caminhar, viver, rever,
Imaginar, mudar, criar,
Deixar acontecer...**

**Outono,
Em primavera
Transformar.
Alegria, criar,
Sorrir, não chorar,
Saber abençoar....**

**Nas estações de seu caminho,
teça tapetes bordados
de linhas coloridas,
sonhadas e esperadas.**

Carinhosamente,

dezembro/08

Dedicatória

Aos meus queridos pais, Flausino, tão terno,
Glorinha, tão graciosa e amada, que, no momento,
está escrevendo histórias, numa
nuvenzinha do céu.

Ao meu amado e inesquecível companheiro, Toninho,
que descansa nos campos verdejantes do infinito.

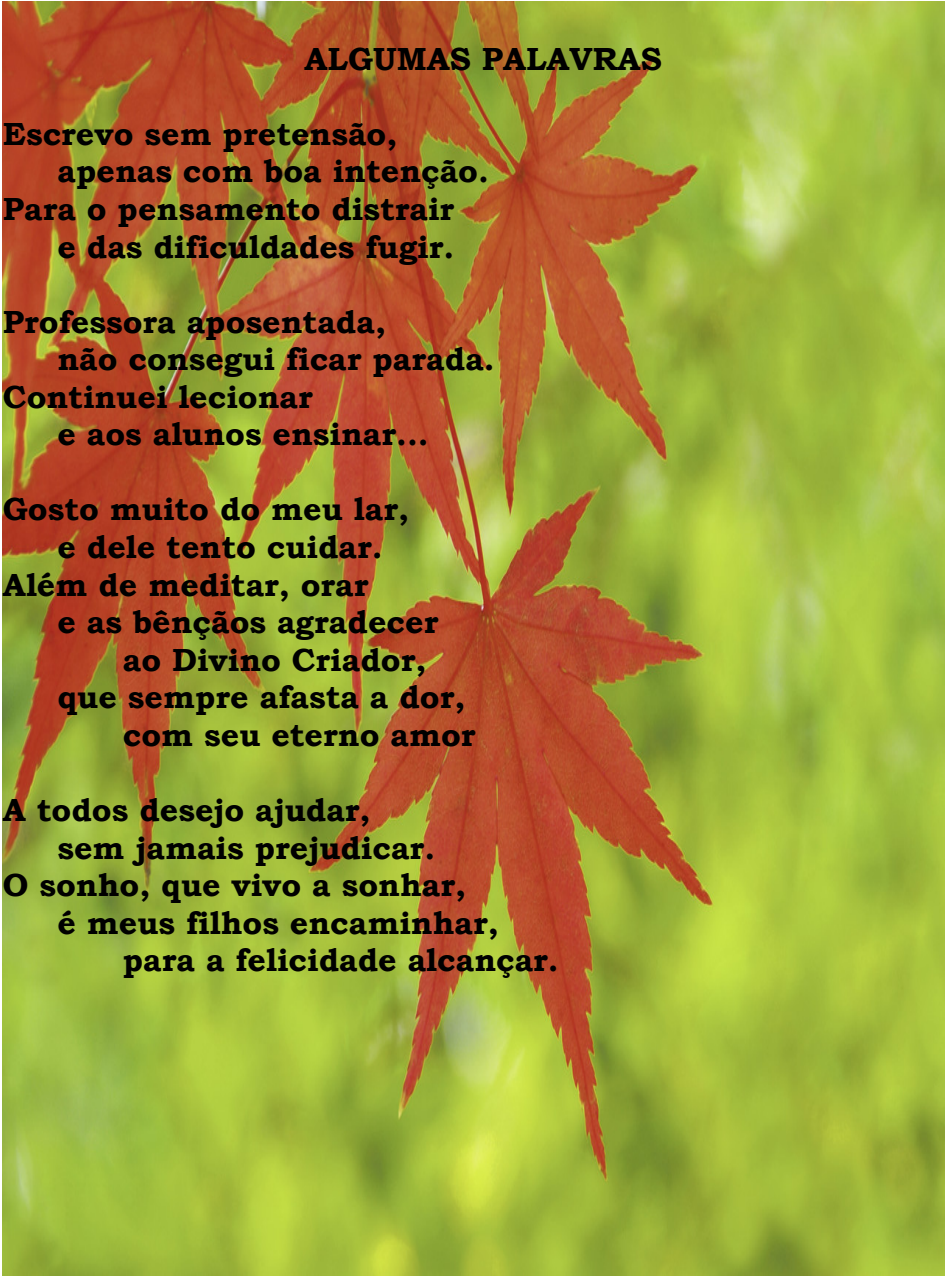
Aos meus adorados filhos, genro, nora e netos.

Aos meus queridos irmãos e família, que sempre me
apoiam em cada etapa percorrida.

À turminha da “Oficina”, Durva, Sonia e Violeta, que,
com sua alegria e textos, sempre me motivaram.

Às amigas, Carmen, Lourdes, Lha e Jô, que me
estenderam a mão, nos momentos mais difíceis, por que
passei.

A todos, que cruzaram os meus caminhos, envolvendo-
me com amizade e ternura.



ALGUMAS PALAVRAS

**Escrevo sem pretensão,
apenas com boa intenção.
Para o pensamento distrair
e das dificuldades fugir.**

**Professora aposentada,
não consegui ficar parada.
Continuei lecionar
e aos alunos ensinar...**

**Gosto muito do meu lar,
e dele tento cuidar.
Além de meditar, orar
e as bênçãos agradecer
ao Divino Criador,
que sempre afasta a dor,
com seu eterno amor**

**A todos desejo ajudar,
sem jamais prejudicar.
O sonho, que vivo a sonhar,
é meus filhos encaminhar,
para a felicidade alcançar.**

ÍNDICE

GLORINHA, PEDAÇO DO CORAÇÃO	07
LUZ NO INFINITO	09
CAMINHO DE ESTRELAS	10
MÃOS ENTRELAÇADAS	11
REMINISCÊNCIAS	12
NOS LABIRINTOS DA VIDA	13
O TESTAMENTO	15
PASSAGENS	16
IRONIAS DO DESTINO	17
NA CALADA DA NOITE...	19
MUNDO CARENTE	20
PEDAÇOS DO ONTEM	21
QUE COISA LINDA, MAIS CHEIA DE GRAÇA...	22
ENCANTOS DE UMA ÉPOCA...	23
DANÚBIO AZUL	24
ENCONTROS DO DESTINO	25
A PRINCESA E O SAPO	26
UMA LAMBIDA...ALEGRIA	28
AO CAIR DA TARDE	30
E TUDO SE REPETE	31
LIBERDADE POR UM MOMENTO	34
POEIRA DE PANOS	35
ENCONTROS E DESENCONTROS	36
POBRE D. SANTINHA	37
TUDO PELA PAZ	39
CRUZAMENTO	42
O SEGREDO DE SUZANA (COM Z)	43
A CIGANA	49
O FAMOSO MÉ	51
O VERDE DE MINHA RUA	53
O MERCADINHO DE NICOLA	54
SÁ SEBASTIANA	55
UMA TARDE INESQUECÍVEL	56
SONHO? REALIDADE?	58
LUCIMAR, OLHOS DA COR DO MAR	60
A LOIRA DOS MEUS SONHOS	63
POR ALGUM TEMPO... CALADOS	64
(variação do tema de "Missa do Galo" de M. de Assis)	
EPAMINONDAS, O INIGUALÁVEL INSPETOR MINEIRO	65

GLORINHA, PEDAÇO DO CORAÇÃO

Entre serras, verde, rosas,
Nasceu um facho de luz,
Uma doce criatura,
Com muita meiguice e candura,
Glorinha, que para sempre reluz...

Pequenina em seu tamanho,
Cabelos finos, bem- aparados,
Com olhos sempre brilhantes,
Com sorrisos pra todo lado,
Muito ágil e hospitaleira
E, também, trabalhadeira,
Espalhava a todos alegria,
Com tanta, tanta energia.

Dona de casa prestimosa,
Esposa cheia de encantos,
Aos filhos , dedicação,
Afeto e seu coração.

Um outro lado brotou,
Durante o entardecer.
Dos livros gostava e amava,
E resolveu escrever:
Trovas, poemas, crônicas, contos,
Palavras, aos quatro cantos,
Muito bem- entrelaçadas,
Nas costuras do pensamento,
Transmitiam só beleza,
Na sua singeleza.

Mas o inverno chegou
E teve de partir,
Para o frio não mais sentir.
Foi atrás de amigos de outrora,

Que pertencem a outra aurora,
Repleta de muita luz,
Com campo de paz ,que reluz,
Com músicas sempre a tocar,
Com aves a bailar,
Com perfumes pelo ar.

E como diz o escritor:
Pessoas não morrem,
Ficam encantadas,
Portanto esqueça a dor,
Não se torne um sofredor.

As luzes não se apagam,
Quando o baile chega ao fim.
Pois os sonhos não se acabam,
A vida é sempre assim...

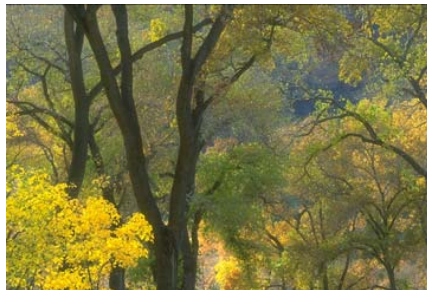
Uma dedicatória deixou
A todos, que muito a amou,
E no seu barco levou:
“Aceite as rosas, querida,
o afeto de coração,
pois, hoje, quero esquecida
toda triste solidão.”

Vai, nossa Glorinha,
encantadora princesinha.
Sua divina bondade
nos deixou muita saudade.
Será eternamente lembrada
e para sempre amada...

Vai, vai nossa mãezinha,
e, no regaço de seu calor,
leve todo nosso amor...

LUZ NO INFINITO

Partiu, deixou saudades,
amizades de sua bondade espalhada,
de sua alegria de vida,
de seu sorriso, cheio de riso,
de sua palavra de sabedoria,
de equilíbrio, de bom-senso...
E pelo ar flutua o aroma sabor,
de seus frangos desossados,
de seu cuscuz de família,
de suas maioneses incrementadas
de apresuntada, de seus peixes
e lombos regados com shoyo e enfeitados
de flores de tomate, muito bem decorados,
feitos de segredos bem-guardados
e jamais revelados...
Fechou os olhos nos montes verdes,
acordou nos caminhos de estrelas reluzentes,
jamais vistos por gente,
apenas por seres luminosos, melódiosos
encantados e desencantados...
Espere por mim nesse infinito confim...
Irei com meu amor,
deixando este mundo de dor,
quase sempre incolor.
Espere por mim....



CAMINHO DE ESTRELAS

Partiu, saudades...
Cada canto ,sua presença ausente,
Suas palavras, suas orientações,
Seus guardados, seus hábitos
Sua voz firme, sua liderança.
Como apagar tantos anos, tanta luta?
Traço caminhos, tento alcançá-lo.
Meu corpo é miúdo, meus braços, cansados,
Meus cabelos, grisalhos
Minhas mãos, vazias...de sonhos.
Na imaginação, visualizo, ao pôr-do-sol,
Uma ponte de estrelas, ligando
Nossa casa até você.
São elas, ladrilhos coloridos,
Com tons prateados de luar,
Representando não só etapas de sua vida,
Mas, também, as que conquistamos juntos,
Em companhia de nossos filhos,
Quatro batalhadores...Herdaram, sem dúvida,
O respeito , a honestidade, a sensibilidade...
Entre você e nós
há uma ponte de estrelas,
embalada pelo luar,
encantada e lembrada
na saudade...



MÃOS ENTRELAÇADAS

Encontraram-se, um dia...

Por acaso, num parque da cidade grande,

No meio do frescor das árvores, entre os reflexos do sol.

Cruzaram olhares,

De repente, juntaram as mãos,

Partiram no compasso de valsa,

Entraram nos labirintos das estradas,

Enfrentaram desafios, lágrimas e onduladas cachoeiras.

Dançaram nas nuvens, criaram abrigos,

Sempre juntos permaneciam,

Até que alcançaram as estrelas

E embalados pelos sons divinos,

Entrelaçaram as mãos numa dança sem fim.



REMINISCÊNCIAS

Álbuns de fotografias
Momentos, talvez, felizes
Vestido de noiva, familiares risonhos
Investimento em sonhos
Crianças pequenas, aniversários
Bolo, brigadeiros, presentes desejados
Natal, reunião dos entes queridos
Passeios, férias em praia, ou nas montanhas
Formaturas, desejos de sucesso
Casamento de filha, nascimento de netos
Hoje, não tenho pressa
Apesar dos compromissos cotidianos
Perorro, em pensamento, o passado
Mais uma vez revejo a foto pendurada na parede
Reunião de todos que tanto amei
Lágrimas escorrem na alma e na saudade
Como diz o poeta: “a vida é para ser sonhada
e não, vivida”



NOS LABIRINTOS DA VIDA

Olho-me no espelho:
Cabelos grisalhos, pele enrugada
Olhos cansados...
Tento, em seu reflexo, achar outras imagens,
Perdidas, ao longo dos anos,
Esquecidas nos canteiros da vida.
Surge uma menina, brincalhona, alegre,
Sempre com sorriso nos lábios,
Mostrando os dentinhos, que cresciam com lentidão.
E o nariz, uma bolinha arrebitada.
Com sua vozinha desafinada, cantava e pulava o dia todo.
Também dançava valsas e sambas,
Com seu adorado companheiro, papai.
Brincava com as amigas, pulava corda
E jogava amarelinha.
Num faz-de-conta sem fim, criava lugares imaginários,
Com suas casas de chocolate, lagos de sorvete,
Flores de pirulito, fora os cavalinhos de pau...
Todos os seus habitantes eram crianças como eu.
Mas eis que surge, no espelho, uma formosa adolescente,
Olhos puxados, cabelos longos e negros, dentes muito alvos,
E pensamentos românticos: um príncipe encantado,
Uma casinha com alpendre e samambaias de metro,

Vozes infantis por todo lado,
Muito carinho e um cheirinho de comida apetitosa...
Ora, agora, é uma sala de aula.
Lá estou eu, com meu avental branco,
Ensinando literatura, gramática
E despertando o gosto de ler e escrever...
De repente, o espelho fica embaçado,
Tento limpá-lo em vão...
Onde estão tudo e todos?
Partiram... perderam-se...
Nos labirintos da vida.
Se eu pudesse, tentaria retornar
Aos momentos, que tentei criar...
Se eu pudesse, não deixaria apagar
As imagens, que deixei brotar,
No espelho esfumaçado,
De meu ser tão apagado...



O TESTAMENTO

Uma cestinha de palha,
imitando um baú,
forrado de cetim rosa,
ornado de ramalhetes,
amarelecidos pelo tempo.
Dentro, três álbuns de recordação,
com capa de couro e, no centro,
uma chapinha prateada,
com as iniciais, C. Ch.
Ao folhear as páginas escritas
com bico-de-pena, e uma caligrafia
caprichada, impecável, liam-se poesias
de autores românticos, transmitindo a sensibilidade
daquela alma feminina.
De repente, aparece uma, que sobressai pelo título,
“Testamento”, encerrando um dos álbuns.
Nele, havia uma mensagem, para sempre, de amor.
Toda doação é de afeto, carícias e ternura:
*“Deixo-te um longo beijo, bem no meio da fina boca;
Num cantinho do lábio, deixo-te os meus suspiros;
Não te deixo um abraço...foram tantos!
E, por fim, deixo-te aquele olhar tão feiticeiro,
meio luz, meio sombra, assim...assim... ,
ao pé do jasmineiro,
Aquele olhar tão lânguido,
Aquele olhar do colorido do jardim...
Guarda estes versos, são meu testamento.”*
Tudo tão longe, mas tão perto do coração.
Tudo tão antigo, mas sempre presente
num relacionamento correspondido.



PASSAGENS

Havia um tempo em que aguardávamos papai com seus bolsos do paletó, repletos de balas “paulistinhas”;

Que, após o delicioso jantar, preparado por mamãe, sentava-se, na saleta, ligava a vitrola e cantarolava conosco os sucessos do momento.

Havia um tempo em que se colocavam as cadeiras na calçada, e, enquanto os menores brincavam de amarelinha, cabra-cega, pega-pega e queimada, os mais velhos conversavam com os vizinhos sobre os preços dos alimentos, política e o que acontecia pelo bairro.

Havia um tempo em que vestíamos a melhor roupa para assistir à missa das dez, no Largo Paissandu, rezada pelo padre Kalazans.

Havia um tempo em que toda família se reunia aos domingos para comer os apetitosos pratos, servidos por mamãe: galinha à la grand-mère, massa com queijo derretido, além das deliciosas sobremesas, jasmim, torta de nescau e doces caseiros.

Naquele tempo, as crianças eram servidas antes e calavam-se à mesa dos adultos.

Todos os menores tomavam bênção dos mais velhos e não se intrometiam nas conversas dos adultos.

Havia um tempo em que íamos a bailinhos, todos os sábados, na casa das colegas, mas sempre acompanhadas da mãe.

Havia um tempo em que as tias davam saraus, onde as mais dotadas tocavam piano e cantavam chorinhos da época.

Havia um tempo em que bairros prósperos da atualidade eram chácaras afastadas do centro urbano, como a Lapa e arredores, sendo que a Rua Diógenes Ribeiro de Lima era chamada de Estrada da Boiada.

Havia um tempo em que se lia a Coleção Cor-de-Rosa, Michel Quoist, o Pequeno Príncipe; ouviam-se novelas, como o “Direito de Nascer” e os apaixonados faziam serenatas à janela da amada...

Havia um tempo em que conversávamos
com os amigos e não
éramos tão sós.

Havia um tempo...

IRONIAS DO DESTINO

Jovens, a vida com suas descobertas pela frente. Três companheiros inseparáveis: Grandão, cheio de lábia, Zé Calado, o mais arredio, medroso, e eu, apelidado Baixinho Brincalhão.

A “Casa da Luz Vermelha”, na Rua do Sobe-Desce, era nossa atração. Quando teríamos idade para freqüentá-la?

“Tio” Pé-de-Valsa, exímio dançarino e famoso como conquistador, deixando, sua esposa, Lu, de cabelo branco, prometera-nos levar, um dia, para conhecê-la.

Completamos quinze anos, chegara a hora tão esperada. Nosso experiente amigo, aconselhando que aprumássemos nos apresentaria às damas, naquela noite, não esquecendo de comprar roupas pro Zé Calado, que, de tão envergonhado, jamais nos dissera onde morava e nunca nos apresentara sua família.

Marcamos um encontro, à noite, no Largo da Matriz. Quando Pé-de-Valsa tocou o sininho de entrada, o Zé despencou a correr, deixando-nos espantados.

Não dava para desistir, uma senhorinha sorridente nos convidou para entrar. Além da música romântica, lindas garotas circulavam pelo ambiente.

Num piscar de olhos, Grandão desapareceu do meu lado.

Meio sem jeito e admirado com tudo, sentei-me numa mesinha de canto. Logo em seguida, no meio à penumbra avermelhada, surgiu uma jovem pequenina, de cabelos longos, corpo sinuoso, pegando em minha mão e conduzindo-me para um corredor. Abriu delicadamente uma porta...e, naquele quarto, tudo aconteceu, era a iniciação...

Tantos anos se passaram. Em vão, procurei a garota. Retornei, várias vezes, à “Casa de luzinha vermelha”, e nada. Sumira como Zé Calado.

Por vezes, cruzava pela rua não só com Pé-de-Valsa, envelhecido e mais ajuizado, como também com Grandão, casado e com uma ninhada de filhos.

Um dia, numa de minhas pescarias, vi Zé Calado. Encostou o seu barco, retirando, num cesto, a pescaria do dia. Caminhou, rapidamente, rumo a uma casinha muito humilde. Sorrateiramente o segui... Alguém surgiu no alpendre, ajudando-o a transportar os peixes.

Ocultando-me, atrás de um arbusto, fiquei parado, sem quase poder respirar. Apesar da aparência desgastada, dos fios brancos e das vestes singelas, reconheci... era ela, lembrança jamais apagada da memória.

Ainda de longe, ouvi Zé dizer alto: “Mãe, vou ver se consigo pescar mais alguns dourados, para vendermos amanhã, nas feiras dos arredores.”



NA CALADA DA NOITE...

Rui era um ator famoso. Já havia percorrido todo país, representando divinamente os mais diferentes papéis.

O sucesso o inebriava, mas o brilho lhe trouxera um vício. Para enfrentar as diversas platéias, dera para beber. A bebida o tornava mais solto, e o receio de fracasso desaparecia.

Certo dia, após uma peça, ainda em seu camarim, desfazendo a maquiagem, timidamente, aproximou-se dele uma linda jovem, cumprimentando-o efusivamente.

Rui não titubeou, convidou-a para uns drinques no barzinho da esquina.

Após conversas, carinhos e muita bebida, a garota, puxando-o pela mão, conduziu-o entre os prédios do bairro, tropeçando, rindo, encostando nas paredes, nos postes... Até que, completamente zonzos, terminaram no quarto da jovem.

Noite alta, céu estrelado, suspiros de amor... e, assim, adormeceram, embalados pela felicidade.

Lá pela madrugada, com os primeiros raios de sol, sentiu uma enorme vontade de fumar. Levantou-se, revirou seus bolsos, nada...

Olhou a garota, languidamente adormecida, e, pé-ante-pé, abriu a porta, saindo pelas ruas à procura de uma mercearia para comprar um maço de cigarro.

Satisfeito o desejo, tentou voltar ao local onde deixara seu amor.

Cantarolando, assobiando, dobrou uma esquina, outra, outra... percebeu que havia se perdido, não localizava o lugar onde estava a jovem.

Uma tristeza enorme tomou conta de todo seu ser.

Apesar do sucesso, da fama, perdera o que mais queria na vida. Na calada da noite, suspiros de solidão.



MUNDO CARENTE

O que mais falta neste mundo? AMOR

Que mais para que melhore? PERDÃO

Falta alguma coisa mais? UNIÃO

Por toda parte, incompreensão

E, também, desunião

Em quase todos humanos corações

Não há AMOR, PERDÃO, UNIÃO



PEDAÇOS DO ONTEM

Dia da semana, combinado, um passeio cultural, relembrando a época barroca com suas estátuas, pinturas, e, por fim, conhecer o tão famoso presépio, doação de alguém que amou a arte e a tradição.

Primeiro, a visita ao Mosteiro.

Em cada recanto, o encanto da fé.

Ouviam-se preces, cantos.

Bilhetes escritos, ora de pedido, ora de agradecimento.

Ao redor dos altares, piedosos suplicavam a intervenção divina com olhar lacrimajante. Envolvidos pela espiritualidade, aderimos ao grupo.

Acompanhando os demais, penetramos na saleta. Não só aguardando as “pílulas milagrosas”, como também adquirindo medalhas, imagens do santo, orações, escapulários.

Enfim, penetramos no museu de “Arte Sacra”. Imagens rebuscadas refletiam o conflito do homem da época.

Enquanto as amigas observavam e ouviam a monitora, distraidamente, olhei por uma das janelas. Senti, que entre as treliças do andar superior, alguém nos espreitava. Alguém que se enclausurou para sempre naquele convento, recusando a sociedade com toda sua vida agitada. Teria vocação? Ou, então, o que a levaria a essa reclusão? Problemas familiares? Um amor não correspondido? Cansaço da vida?

Continuei os questionamentos...Mas não estaria dialogando comigo mesma?

O chamado de uma das companheiras despertou-me desses pensamentos...Tentei observar as obras com elas, fugindo de mim mesma. Um quarto humildemente mobiliado encantou-me, pertencia ao frei que construíra o mosteiro.

Finalmente, o presépio...Divino, circundado por uma aldeia italiana do século XVII, com todas as suas atividades.

Amamos o desconhecido, o já perdido.

Naquele mosteiro,

vivi o outrora,

senti o presente...

QUE COISA MAIS LINDA, MAIS CHEIA DE GRAÇA...

Ser mulher é :
Ser amada
Ser bendita
Ser carinhosa
Ser divina
Ser esperada
Ser fervorosa
Ser gentil
Ser harmoniosa
Ser intrigante
Ser jovial
Ser luminosa
Ser maternal
Ser nuvem de sonhos
Ser olhos cativantes
Ser pedaços do céu
Ser querida
Ser risonha
Ser sensível
Ser ternura
Ser única
Ser voz do infinito
Ser xodó de alguém
Ser só zelo
E ser muito mais
que todas as letras do abecedário...



ENCANTOS DE UMA ÉPOCA...

Soa pelo ar
Rita Lee e os Mutantes.
Bailinhos, vestidos rodados,
Anáguas engomadas, entremeadas de fitinhas.
Formaturas, com a voz romântica de Nat King Cole,
The Platters e seu conjunto,
Que delícia !
Garotas, com rabo- de- cavalo, coques, laquês.
Garotos, com visual de Elvis Presley.
Footing, na avenida e pracinhas.
Olhares conquistadores, paqueras, em cada esquina.
Ah! o amor.
Mãozinhas dadas, corações aos pulos,
Suspiros...suspiros...
Sorvetes, milk shakes,
Grupos de amigas, confidências,
Carinho das mães, servindo lanches fartos,
Nas tardes de reuniões, ao som de discos
Com sucessos do momento: Ellis Regina, Jair Rodrigues
Chico Buarque, Nara Leão, cantando "A Banda".
Serenatas, ao pé da janela, violões chorosos de paixão.
Correio Elegante, nas quermesses,
Cartuchos enfeitados, contendo cocadinhas, beijinhos doces,
sequilhos, balas de café, caramelo...
Sonhos, anos sessenta, passado,
Perdido nas lembranças da adolescência.
Sombras, saudades...
" E, no escurinho do cinema..."



DANÚBIO AZUL

Aquela noite seria o grande baile no “Casarão”, famoso por sua construção imponente, datada no começo do século, enriquecida pelos jogos e floradas dos cafezais. Olhei em sua direção: todas as luzes estavam acesas, mostrando a alegria do momento, e via-se o reflexo dos cristais dos lustres e candelabros pelas paredes azuis.

Chegou a hora...Melhor vestido, cabelos encaracolados, ornados com florzinhas campestres.

Acompanhada por familiares, conheceria o tão falado lugar. Mesa reservada, garçons por todo lado e uma orquestra divina: tocando valsas e músicas românticas.

Circulavam, entre as mesas, alguns rapazes, tentando encontrar alguém cativante para dançar.

De repente, cruzamos os olhares, deslizamos pela pista. Juntos, sorrimos, colamos o rosto, entrelaçamos o corpo e unimos sentimentos, ao embalo do “Danúbio Azul”.

Gentilmente, pediu-me licença por alguns instantes, teria que dar um recado urgente, coisas de família, disse ele. Aguardei-o, observando o salão, os pares dançando e a beleza do local.

As horas se passaram...O salão tornava-se vazio. Até que as luzes foram se apagando. Teria de voltar para casa com os parentes.

Lá fora, o céu estrelado, na face, uma lágrima escorrendo, no “Casarão”, os violinos choravam..

Encarei o rio, serpenteando no meio da avenida. Num cantinho, um barquinho amarrado à margem. Desejava correr para lá, quem sabe me levaria junto dele.

Sonhos, ilusões, miragens da vida...



ENCONTROS DO DESTINO

Final de semana...Não acredito que estou em casa, livre de papéis, problemas da empresa, terno, gravata e mesuras sem fim a futuros clientes.

Até que enfim, posso desfrutar as delícias de minha residência, comprada com tanto carinho, localizada no lugar, que desejei a vida inteira, na Lagoa Rodrigo de Freitas.

Paisagem divina, pena a favela, que se alastra nas encostas, com seus barracos, entristecendo a paisagem e o coração.

- Mariana, largue de se tostar à beira da piscina e depois se queixar que está vermelha, como um camarão, e traga-me meu gim-tônico. Hoje, será minha garçonete...

- Obrigado, minha princesa. Sabe, apesar de ser um conquistador inveterado, você é o amor de minha vida, pelo menos por enquanto. Olhe que coisa mais linda, mais cheia de graça... Epa, a campainha, quem será o chato? Vá ver quem é! Please! Pensando melhor, deixe, eu vou, pode ser o carteiro...

Primeiro vou olhar no visor. Meu Deus! Que sujeito esquisito, tão maltrapilho, sujo, cabelos e barba compridos, empapados de sujeira.

- Carlos, voltei. Preciso de sua ajuda, de seu apoio. Tantos anos...Nada consegui. Tivemos os mesmos pais, mesma educação. Enquanto você cresceu, eu me afundei nas estradas sinuosas, lamacentas, nos desvios do tudo, na morada do nada...

Encontros do destino, retorno ao passado.

dia enublado....

Bebida entornada...



A PRINCESA E O SAPO

Quinta-feira à noite, aeroporto de Guarulhos. O grande dia da chegada. Casa arrumada, flores compradas, tudo para esperá-la após dois meses de viagem pela França.

Apreensiva, saudosa e curiosa pelas novidades, arrumei-me o melhor possível e dirigi-me, junto com genro e netos, para o aeroporto. Pelo caminho, observava a cidade, ao longe, e parques ecológicos, transbordando um pouco da natureza.

Estacionado o carro, ao entrar pelo saguão, deparei-me com a costumeira agitação de São Paulo: quanta gente, quantos carros e um vaivém sem fim.

Finalmente, achamos o local da espera. Uma televisão informava a chegada dos vôos internacionais. Grupos, ora cantando, ora fantasiados, portavam cartazes com dizeres de boas-vindas ao ente querido esperado... Como sempre, a genuína alegria do brasileiro dominava. Tudo dá em samba.

Admirada, olhava um, olhava outro, distanciando-me das tristezas e dos problemas. Tomamos um delicioso café, percorremos as lojas, aliás, tudo de “griffe” e muito caro. Quanta moça bonita e bem vestida, apesar de uma urgência no ar.

De repente, à minha frente, apareceu uma jovem belíssima. Trajava um vestido de malha, curto, cabelo descolorido, pele muito alva, sapatos altos de bico fino e, no ombro, uma tatuagem com o desenho de uma borboleta. Sem dúvida parecia uma princesa, não, a bela adormecida, mas, uma, que havia perdido a inocência pelas baladas da vida. Quem seria e a quem aguardava? Talvez, um charmoso príncipe europeu. Maliciosamente, comecei a imaginar: o que escondia aquele jeito sensual, desdenhoso de dona do mundo? Certamente, não usava roupas íntimas, pois o minúsculo vestido estava colado ao corpo. Só faltava mostrar a alma, porque o resto estava exposto para quem quisesse. Seria casada? Ou teria, como é de costume, no momento atual, um companheiro, cujo amor é eterno, enquanto dure... Sua profissão, sem dúvida, seria a de ser um colírio para seu par. Não carregava bolsa. Também, para quê? Bancos 24 h sempre estariam à sua disposição.

Subitamente, deslocou-se, correndo em direção de alguém. Misericórdia! Que horror, é o fim do mundo! Dobrando uma das torneadas pernas, deu um beijo cinematográfico em um rapaz que, benza Deus, além de baixinho, careca, parecia um sapo. É isso aí, a “Princesa e o Sapo”.

Voltei à realidade. No meio da multidão, algazarra, surge minha queridinha. Assustada, cansada, mas maravilhada com tudo, que vira e vivera. Nada mais será o mesmo para ela. ...



UMA LAMBIDA...ALEGRIA

Sentou-se relaxadamente em sua poltrona favorita. Após um jantar frugal, queria descansar, esquecer dos aborrecimentos da Faculdade, do Departamento de Penal, dos orientandos e, principalmente, dos problemas familiares e financeiros.

Fechou os olhos, como se dissesse a todos, "não me incomodem!". Ligou o radinho. Notícias do time favorito, aliás, sempre perdendo. Jovem-Pan, Mussum, pelo menos, daria boas risadas:

"- Alô! É da Águia de Ouro?"

- Que "Águia", que nada, moço. É "Agúia", "Agúia de Ouro"! O senhor sabe o que é "agúia"? Uma coisa pontuda de um lado com um furinho do outro, onde entra a linha."

E, bocejando, continuou, juntamente com o cômico:

"- Não queria melindrá-lo...Mel-in quê?..."

Desligou o rádio. Sempre as mesmas piadas, isto já não dava mais.

Abriu, então, a TV. Jornal, com os últimos acontecimentos: "Casal será indiciado, não há dúvidas, na reconstituição do crime, ficou quase provado que são eles os culpados. Pai incestuoso, aprisiona a filha, por vinte e cinco anos, no subsolo de sua casa. Guerra sem fim no Iraque, inúmeros mortos. Frio e chuvas torrenciais causam danos no país..."

Desanimado e exausto, resolveu tomar uma ducha quente e enfiar-se debaixo dos cobertores. Fechou a porta do quarto e enfiar-se debaixo dos cobertores. Fechou a porta do quarto e só faltou colocar a tabuleta- "Não perturbem, o patrão está dormindo."

Imaginava lugares verdejantes, praias serenas, paisagens tranquilas, quando percebeu que alguém arranhava sua porta. Quem seria? Todos haviam saído. Ladrão? Só faltava essa!

Lentamente, rodou a chave, abrindo a porta rapidamente. Que surpresa! “É você meu docinho de coco! Com esta flor na cabeça fica mais sensual! Quanto a amo! Venha dormir comigo, bem juntinho para esquentar todo meu corpo. Isto mesmo...Ai, que delicia! Precisava de aconchego e carinho. Também não precisa me beijar desse jeito. Chega, chega... estou ficando todo molhado com suas lambidas. Bem, agora vá deitar-se nos meus pés e cobri-los com seus pelos tão sedosos. Amanhã, bem cedinho, antes do trabalho, vamos passear no parque”.

Finalmente, conseguiu desligar-se da desgastante realidade. Nada como um rabinho abanando e lambidas sem fim...



AO CAIR DA TARDE

Toca o sino da matriz, hora da Ave-Maria. Na cidadezinha mineira, todos já se recolhem, buscando o aconchego do lar, após um dia de trabalho.

Estação do frio. Nada como uma sopa fumegante para aquecer o corpo e acarinhar a alma.

Joana prepara o seu jantar, tentando esquecer a escola, os alunos impossíveis. Distrai os pensamentos, relembrando de Marcos, tão distante no momento, melhorando sua carreira com bolsa de estudo no exterior.

Já dois anos se passaram. Tanta coisa aconteceu...Perda dos pais, ida dos irmãos para a capital e sua luta sem fim como professora, seu ganha-pão.

Sente-se só. Procura distrair-se com as amigas: ora um bailinho, ora convite para churrascos em chácaras, passeios e excursões pela redondeza.

Mergulhada em lembranças, esquece da hora e até dos programas prediletos da televisão.

Um vazio percorre seu interior. Se, ao menos, tivesse os carinhos de Marcos? Prometera-lhe que se casariam assim que voltasse. Mas as cartas pouco chegavam, os telefonemas escassearam, a distância mostrava que este relacionamento estava findando.

De repente, escuta o som de um violão, entoando uma modinha encantadora. Era alguém que lhe fazia uma serenata.

Vagarosamente, entreabre a veneziana.

Neste momento, percebe que era ele. Voltara. E a lua morta torna-se prateada e a rua torta de saudades e espera enfeita-se de melodias e abre a porta do coração, valsando em longos abraços e carícias sem fim...

“Canta, esquece a dor
Cubra-se só de calor
A vida é feita de cor
Para quem tem um amor...”

E TUDO SE REPETE

Lá está a filha. Sentada no colo do papai. Adulando-o como sempre, principalmente quando deseja alguma coisa.

- Paizão do coração. Desta vez até rimou! Sabe, pensei, pensei quanto ao meu casamento, e quero ter uma cerimônia igualzinha a sua.

- Oh! isto me deixa feliz.

- Vamos lá! Qual a música que tocaram?

- Já faz tanto tempo que nem sei se me lembro. Ah! foi de Mendelssohn, mas o nome não me vem à cabeça.

- Mendão! Que nome legal! Canta aí pra ver se conheço.

- Isso não dá, filha. Pois era o órgão que tocava, e fica complicado cantar.

- O nosso não vai ter órgão. Um amigo do Varum tem um sintetizador eletrônico e, como o Padre Tuco deixou, vamos escolher alguma coisa do Queen. Acho que pega melhor que esse tal de Mendão. Eta nome esquisito...

- Da Queen, quer dizer.

- Não, queridinho, do Queen, uma banda de rock trilegal. Pai, agora, tenho que me apressar, pois o Varum está chegando com sua moto e capacete. Não sei se te falei, mas vamos acampar neste fim de semana numa praia deserta, só nós dois...Vai ser o fino!

- Como?!? Você já falou com sua mãe?

- Ih! pai, deixe de ser careta...Mamãe nem taí. Afinal, estamos comprometidos há tanto tempo. Dois meses, senão me engano. Isso é tempo pra burro.

- Mais uma perguntinha. Qual é a razão do nome de seu noivo ser Varum. Aliás, muito estranho.

- Eh!, começou a implicar. Tão divino. Não existe no mundo inteiro um nome igual ao dele. Olhe que criatividade, imaginação, pois ele imita o som de sua moto. Varum...varum...

Pouco depois, entra na sala o noivo com seu inseparável capacete.

- Oi, meu velho! Você fica supimpa com esses cabelos grisalhos. Vamos, Gatona, a noite está vindo, e estou taradinho pra ver as estrelas com você. Assim, com o pai boquiaberto, parte o casal.

“Bem, diante de tudo isso, que me deixou mudo, vou dar um pulo até à igreja pra conversar com o tal Padre Tuco.”

- Boa noite, senhor padre. Qual é mesmo seu nome?

- Padre Tiago. Mas pra toda moçada sou o Padre Tuco, fica mais popular.

- Minha filha, Mônica, já combinou com o senhor sobre o casamento.

- Mônica? Quer dizer a Gatona com o Varum? Já tratamos tudo. Ela entrará na igreja, descalça, com saia comprida e rodada, flores no cabelo e sozinha, dançando ao som do Queen. Os pais virão atrás, também dançando, coladinhos. O noivo, com um short vermelho, casaco de smoking e capacete, ficará no altar, juntamente com padrinhos e madrinhas, vestidos como os noivos. Já imaginou como vai ser lindo! Não vejo a hora de celebrar esse casamento.

- Mas...mas...agora, mal sei dançar.

- Treine, que tudo dará certo.

Cabisbaixo, espantado, o pai dirigiu-se para casa.

“Que fazer?!?”

Em casa, deitado ao lado da mulher, desabafou:

- Cecília, pareço o bobo da Corte. Já pensou? Neste momento, Mônica está numa praia deserta com o tal Varum. Quanto ao casamento? Acho que vou enfiar minha cabeça, como avestruz, dentro da terra de tanta vergonha que vou passar com a família e os colegas da empresa. Imaginou eu dançando com você atrás da noiva?! Que vexame!

- Carlos, acho que apagou da memória a nossa história: os hippies, que convivemos; os lances escondidos, que tivemos; as músicas, que dançávamos, ora ao som de Elvis Presley, que imitava, ora ao som dos Beattles, "Imaginate", de Nat King Cole, The Platters, de Chico, Vinícius, Nara Leão, Rita Lee e outros mais.

Acorde, homem. Só que fazíamos tudo escondido. Hoje, a juventude é mais livre, mais aberta...fala tudo às claras...E tudo se repete.

Carlos, abraçando Cecília, sorrindo, cochichou no seu ouvido:

- Era tão gostoso! Pena que passou...Vamos dançar?

"E no escurinho do cinema..."



LIBERDADE POR UM MOMENTO

Poxa, nunca vi quadro mais divino! Sem dúvida expressa tudo que sinto e desejo: árvores, cachoeiras, aves, quanta paz... E as cores vivas só poderiam ser de um espanhol, sangue quente...Cadê minha mulher? Sem dúvida deve estar de papo com alguém, contando o que comprou. Nem está aí com artes e artistas. Sua cabeça só gira em torno de coisas supérfluas: roupas, restaurantes, festas, colunas sociais... Já estou cansado dela e de tudo lá de casa. Isso de excursão também é dose. Corre daqui, corre dali... Levanta-se cedo, pega ônibus e lá vem o monitor também apressado em cumprir a pauta do dia. Enfim, mal se conhecem os lugares, mal se come...mal se aproveita nada. Sabe de uma coisa, estou de "saco cheio". Só trabalhei na vida e sou banco vinte e quatro horas. Chega.

Mais alguns passos, desço a escadaria e estou livre. Vou desaparecer. Tenho algum dinheiro nos bancos da Suíça e posso viver sossegado. Lá em casa, todos ficarão bem, pensarão que morri e desfrutarão de tudo que deixei.

Agora, ou nunca...

Finalmente, a rua, o sol, a natureza tão linda! Um dia, voltarei para o Brasil com outra identidade e irei desfrutar as praias maravilhosas da Bahia. Arranjarei outra companheira que saiba aproveitar as coisas boas da vida.

Chega de pressão, sufoco, trabalho e da futilidade do meio social em que vivo.

Nada como um pouco de céu,
de simplicidade,
de vida,
de descobertas interiores...



POEIRA DE PANOS

Distraidamente, desço pela Rua Augusta, rumo ao apartamento de mamãe. Observo as pessoas: umas andando apressadamente, outras, entrando em lojas, butiques, lanchonetes, livrarias...

Sem perceber, talvez, acompanhando algum transeunte, vejo-me dentro de uma galeria. Vitrines de butiques, muito bem decoradas, atraem minha admiração.

Oh! um brechó. Nossa que vestes mais lindas! De quem seriam? De modelos, de mulheres da sociedade? Que deslumbre aquele dependurado num cantinho: o tecido parece ser uma organza, cor-de-rosa, todo bordada com pedrarias, semelhante a pequenas pérolas, longo, decotado. A dona seria uma princesa?

Paro e, ao admirá-lo, vêm, nas lembranças, os vestidos usados em certos momentos de minha vida: o da primeira-comunhão, cheio de preguinhas, enfeitando um tecido muito leve; o dos quinze anos, com babados de organdi, todo bordado; o da formatura da Faculdade, um rosa clarinho, e, o mais bonito, o do casamento, de shantung, longo, tecido de sonhos...

O que restam deles? Apenas fotos, fixando estaticamente o que foi, pedaços de panos desfeitos pelo ar.

Alguém se aproxima, perguntando-me delicadamente:

- Senhora, deseja comprar alguma roupa? Faz bastante tempo que está parada diante desta peça, posso ajudá-la?

Viro-me, vagorosamente, para a vendedora. Meus olhos enchem-se de lágrimas e, voltando à realidade, respondo-lhe baixinho:

- O que desejo não existe mais...

Segurando firme minha bolsa, continuo meu caminho.



ENCONTROS E DESENCONTROS

A vida é um cruzamento
de pessoas e destinos
Pela estrada dos caminhos,
três jovens se encontraram

A bela moça da esquina com silhueta formosa,
cabelos longos, lustrosos,
olhos da cor do mar.

Por onde passava, espalhava
sorrisos de alegria,
palavras de carícia
a todos que a cercavam.

Seus amigos diversos eram,
por ela, tinham admiração,
e de coração desejavam
firmar essa relação.

Entre eles, dois jovens havia:
um estudioso, aprumado,
muito, muito perfumado,
mas um tanto reservado.

Outro, cabelo alourado,
ciclista e viajado,
era, também, formado,
seu lema, simplicidade.

Ora, enamorou-se a jovem,
Nem preciso falar de quem.
Daquele que lhe daria
O futuro que queria.

Alguém que feliz a fizesse,
dando-lhe o ombro e carinho,
em todo seu caminho,
e o belo, também, amasse...

POBRE D. SANTINHA

Ora, vejam só. Lá está novamente D. Santinha. Com seu vestido comprido e rodado, protegido pelo famoso avental, sempre muito limpo e caprichosamente bordado. Ah! ainda falta descrever seu cabelo: meio esbranquiçado, afinal, já passara dos sessenta, com seu famoso coque, pois sendo longo, de acordo com sua religião, ao prendê-lo conservava-o asseado. Mas, agora, o principal, sua característica fundamental: adorava bisbilhotar a vida alheia, ainda mais que morava numa cidadezinha perdida, no interior de Minas, onde pouco havia para fazer e, além disso, quase todos se conheciam desde a mais longínqua geração.

- Boa-tarde, D. Cotinha! Venha aqui, tenho uma coisa incrível para contar. Sabe, descobri que o Sr. Silva, sai toda noite para percorrer as cidades vizinhas em busca de aventuras. Até arranjou um caso extra-conjugal, com moça nova e endinheirada. Cansou-se de D. Leonor que só pensa em cuidar da filharada e arrumar a casa.

- Nossa, D. Santinha, quanta ingratidão há neste mundo. Leonor sempre se dedicou de corpo e alma a esse homem. Fez doces e salgados e muitas compotas para fora só para ajudá-lo nos gastos. Oito filhos, não é brincadeira.

- Ah! Quase ia me esquecendo de falar sobre Roseneide, a filha do dono do mercadinho. Pois é, foi estudar na capital, fazer Faculdade de Direito, e perdeu o pé. Dizem as más-línguas, que se tornou uma vassourinha. Cada dia, saía com um colega, amizade colorida, e sempre procurava o mais rico, com carro, lógico...Você vai ver uma coisa. Logo, logo, voltará embarrigada.

Mais uma, de ficar de cabelo em pé...

Mas o sino da Matriz soou, interrompendo D. Santinha. Sua comadre não gostaria de perder as orações feitas na hora da Ave-Maria.

Assim, despediu-se apressada, dizendo que o caso do cabelo em pé ficaria para mais tarde.

À porta da Igreja, estavam reunidos muitos moradores do lugarejo. Todos conversavam baixinho e veio à tona D. Cotinha. Comentaram que só sabia inventar coisas a respeito de todos e de tudo. Alguma atitude deveria ser tomada, pois, de repente, alguém poderia se machucar.

Florinda, filha do Zé da Mata, moça ajuizada, prestimosa e bonita, apenas pensava em ajudar os pais e dar aula para a criançada do Parque Infantil, pediu licença a todos para dizer alguma palavras, as quais, talvez, pudessem resolver aquela situação.

Com cuidado e meiguice, disse:

- Penso que se esqueceram do passado dessa senhora: órfã desde a infância, seus irmãos perderam-se pelo mundo, criada por um e por outro. Jovem, enamorou-se de João Grandão que sumiu da cidade do dia para a noite. Sempre sozinha, abraçou uma estranha religião, em que só cantam e angariam donativos para ganhar o reino dos céus. Lava e passa para fora, faz faxina, quitutes para ter o que comer...E assim vai...

Bem, o que está precisando é de um pouco de carinho, de atenção, de amizades. Que tal começarmos a convidá-la para tomar um lanche? Para as nossas reuniões familiares, tipo aniversários, comemorações, como Páscoa, Natal e até um churrasco em nossos sítios? De vez em quando, podemos até presenteá-la com uma roupa, ou mesmo um bolinho? Vocês vão ver como vai mudar, e, em vez de falar mal dos outros, tenho certeza de que só vai elogiar todo mundo.

Todos ficaram pensativos e balançando a cabeça entraram na Igreja para as preces da Ave-Maria.

TUDO PELA PAZ...

Outra vez, o professor César, um craque da matemática, não veio. Poxa, que falta de sorte. É o único, nesta escola do fim do mundo, que dá um show de aula.

Além de legal, é amigo e diz cada coisa do outro mundo.

Bem, o caso é procurar Laura e comer um cachorro-quente do Seu Zé.

Não acredito, Laura, também, não está por aqui. Interessante, sempre que o professor não comparece, Laura desaparece... Até rimou!

O caso é pegar o busão e seguir para casa. Mother Lu já deve ter preparado aquela comidinha gostosa, e, depois, assistir ao noticiário e a novela.

Bem, lá vou eu. Nossa, como estou cansado, cansado de não fazer nada. Acho que o jogo de futebol, na aula de Educação Física, me estressou. Também, pudera! Onde se viu? Até o Juca, um pé-de-valsa, o melhor do nosso time, marcou o gol pro time contrário. Isso é demais.

Já comi o delicioso assado da mãezona, agora, vamos às notícias. Já que não leio jornal, pelo menos, preciso ver o “Jornal Falado”, porque senão estarei perdido nos ENENS da vida e no vestibular à vista.

Não, não acredito! Só guerra, só notícias de violência, só seqüestros, mortes, crianças maltratadas, animais judiados, terremotos, desmatamentos, acidentes. Nem uma notícia pra cima. O professor César sempre diz que há muita falta de amor... Essas tristezas estão me dando um sono! Vou cochilar um pouco até a hora da novela. Quem sabe vou sonhar com minha gatinha, Laura.

Parece que estou dentro de um ônibus supermoderno, com poltronas estofadas, musiquinha “new age”, TV. Não é à toa que os passageiros estão até roncando de tão relaxados.

Epa! Senão me engano este trajeto não é o que conheço. Uai! o busão está parando, decerto vai pegar algum freguês fora do ponto. O quê? Que gente esquisita, quer ver que são punks: cabelos claros, arrebitados, olhos pintados, cheios de estranhas tatuagens.

É agora, desejam dar o seu recado. Será que querem dinheiro? Mas um deles, o grandão magrelo, diz:

- De agora em diante, fiquem em silêncio e obedeçam nossas ordens.

Só faltava essa. Será um seqüestro?

De repente, o ônibus entra numa estrada, rodeada de bicos de papagaio, e, no final dela, surge a sede de uma fazenda: casa térrea, cercada por um assombreado alpendre, cheio de redes, e, na escadaria da entrada, um grupo de violeiros, tocando modinha caipiras. Que gostoso!

Eis que, o baixinho do grupo, com uma voz fanhosa, pede para descermos e aguardarmos na entrada, pois logo viria o dono da fazenda para conversar conosco.

Enquanto esperávamos, vários empregados surgiram com bandejas repletas de guloseimas: doce de leite, de abóbora, de cidra, milho verde, paçoca, torresminho, espetinho de churrasco. Será festa caipira? Mummy Lu ia até ficar enciumada. Fora isso, que gente educada! Incrível, sabia direitinho o nome de cada um de nós.

Subitamente, todos ficaram imóveis e fizeram sinal de silêncio, igualzinho à gravura de enfermeiras, nos hospitais. A porta de madeira da entrada se abriu. Com seu chapéu de palha, cobrindo ligeiramente o rosto, apareceu o dono de todas aquelas terras. Ao levantar a cabeça para nos cumprimentar, reconheci, no meio das barbas, o professor César, que vinha seguido por uma graciosa moça -será que estou louco?- esta é minha gatinha, Laura.

Observando meu espanto, com tranquilidade paternal, falou-me:

- Marcos, meu querido aluno, você está certo, sou seu professor e esta garota é minha adorada filha. Somos de outra galáxia. Estamos numa delicada missão aqui na Terra: vamos tentar unir os povos, trazer a harmonia entre todos, através da amizade, do amor, enfim tentar a paz. Para isso temos que lutar contra a ganância, o poder, o orgulho e, sobretudo, contra o egoísmo. Precisamos formar um grupo que, por onde passar, levará uma palavra amiga, um olhar carinhoso e dará a mão ao necessitado, ajudando-o a enfrentar os caminhos. Mas, agora, o mais difícil: o início será em nosso próprio lar, entre os familiares.

Por enquanto é só, depois virão novas orientações. No momento, desejo que desfrutem a minha hospitalidade, depois, estarão livres. Os que desejarem partir, tudo bem, sem ressentimentos, os que quiserem permanecer serão bem-vindos e tomarão conhecimento de muitas e muitas coisas.

Lentamente, Marcos vai acordando, voltando à realidade. Sem dúvida, no dia seguinte, procuraria o professor de matemática, para traçar um novo rumo em sua vida. Seria um Cavaleiro do séc. XXI, lutando por um mundo melhor, cheio de amor e paz.



CRUZAMENTO

Rosana, Elisa, Leandro,
Cada um com sua personalidade.
Rosana, romântica, sonhadora, sentimental.
Elisa, inteligente, leal amiga,
para o que der e vier.
Leandro, livre...
Compromissos, nem pensar,
Faz o que gosta e o que quer.

Mas será que não trazemos
um pouco dos três?
Por vezes, agimos com o coração.
Em quantos momentos, refletimos, compreendemos
e tomamos uma decisão.
Contudo, como gostaríamos da liberdade.
Nada de pressão, nada de obrigações,
Nada de cobranças.
Apenas ter o desejado, apenas ser o imaginado.

Quantos cruzamentos há em nós mesmos!
Um pouquinho da personalidade do outro:
Ora de suas qualidades, ora de seus defeitos,
Ora de seu agir, ora do seu pensar.
Por que não deixamos aflorar a que mais apreciamos
e nos tornamos o menos desejado?



O SEGREDO DE SUZANA (COM Z)

Boa-noite, meus amigos,
Aqui estou eu para lhes contar
Uma história verdadeira
Um caso de estranhar
Que não é pra ninguém chorar
Apenas pra alegrar
Este mundo de violência
Em que é proibido sonhar

Um dia, na capital,
Conheci uma mocinha
Pra lá de legal
Chamava-se Suzana
Não era alta, nem baixinha
Nem gorda, nem magrinha
Mas muito bonitinha

Seu pai era comerciante
Pra não dizer ambulante
Vendia na sua van
Tudo, tudo que se pensa
Desde roupa, até docinhos
Enfeites delicadinhos
Uma tranqueira sem fim

Sua mãe batalhava, com muita criançada
Pois era professora, não sofredora,
Gostava do que fazia
E mostrava sempre alegria

E assim com seus miúdos
Compraram uma casa em Pinheiros
Criando seus três filhos:
Suzi, a mais velha,
Adriano e Mário,
Dois mocinhos ajuizados,
Estudiosos e comportados

Suzi, com dezessete anos
Cursando o colegial
Sonhava, como mocinha
Mil e uma carreiras
Enfim, tudo que aparecia:
Atriz, médica, advogada
E até cineasta,
Estilista, jornalista,
Bióloga, arqueóloga
Quem sabe, ser artista,
Comediante ou viajante

Amizades tinha mil
Era muito social
E mesmo bastante leal
Mas dois eram os queridos
Por ela jamais preteridos
Bojão, seu lindo cachorrão
E Ricardo, alma gêmea e companheiro
Amava da Globo atores
Sendo seu queridão
Edson Celulari, sua paixão

Na comida, era brasileira
Gostava de arroz e feijão
Comia até o caldeirão
Causando confusão
Doce engorda, dizia
Sou naturalista
Amo frutas, legumes e verdura
E comia uma lista

Novelas, não era com ela
Preferia a Internet
Em que muito se divertia
Como era sentimental
Adorava filmes de amor
Com toda dor e calor
Seus músicos prediletos:
Titãs, Caetano e Gil

Livros, lia famosos,
De suspense e policial
Mas começava do final
Revistas, folheava Capricho,
Mas adorava as de viagem
Que suas amigas achavam bobagem

Praticava muitos esportes
Acompanhava o mundial
Que achava superlegal

Política, não queria saber
Nem de longe entender
Nada como ecologista ser
Para a Terra proteger

Pensava muito em casar
E uma filharada criar
Mas agora seu segredo
Pedi-me pra não revelar
Nem nunca a ninguém contar

De tanto e de todos esconder
Só ao Ricardo revelar
Com quem vivia a cochichar
Seus pais desconfiados
Acharam que precisava
Do médico os cuidados
Pra parar com esse fuxico
Cheio de muito cisco

A mim, um estranho cantor
Um dia, tudo falou
Queria uma aventura viver
E com seus queridos percorrer
Este mundão de Deus
Com toda beleza que nos deu

Como era do signo Leão
Tinha um ar de mandona
Pra não dizer de turrona
Fazia o que pretendia
E ninguém a demovia
Das coisas que queria
Mesmo se a cabeça batia

E assim sempre juntava
Cada tostão que ganhava
E, um dia, talvez realizasse
E seu sonho concretizasse
Compraria um veleiro
E dentro dele levaria
Ricardo, seu companheiro
Seus pais, seus escudeiros
Seus irmãos, tão ajuizados
E o querido Bojão
Seu amado vira-lata
Com suas eternas patadas
Enfim, todos que amava
E que jamais largava

E lá vai a linda Suzana
De azul, muito bacana
A garota que não desejava perder
Que a sorrir vivia a dizer
Eu sou assim
Quem quiser goste de mim

Agora, os anos passaram
Suzana ficou na lembrança
Com a sua sonhada esperança
Ora, vejam que surpresa
Um dia parado na banca
Li, no jornal ,a manchete
“Suzana atravessa os mares
Com família e seu cachorrão
Enfrentando ondas nos mares
Através desse mundão”

Até logo, amigos meus
Espero que tenham gostado
Da cantoria e do babado
E não saiam chateados

E lá vai mais um cantinho
Até bem conhecidinho:
Ó Suzana, não chore por mim
Eu vou pra Alabama
Com Bojão e meu bandolim



A CIGANA

Lá vou eu, meus amigos,
Contar uma nova história,
Que nem sei se é fato, ou lenda,
Mas que traz emoção
A qualquer coração.

Perto de Santiago de Compostela,
Encravado entre rochedos e mar,
Havia um vilarejo pacato e sossegado.
Tudo era igual, a mesmice...
Nada acontecia, nada mudava:
As mesmas pessoas, os mesmos assuntos,
Os mesmos acontecimentos.
Todos sabiam a vida de todos,
Tim-tim por tim-tim...
Às vezes, um nascimento,
Às vezes, um casamento,
Às vezes, um falecimento...
A rotina, a monotonia
Eram o tom dominante e até agoniante.

Até que um dia, algo de diferente surgiu.
Chegou uma caravana de ciganos,
Trazendo não só regalos,
Mas danças e cantos em todos os cantos.
Entre eles, havia uma cigana
De beleza rara, dona da alegria e da folia,
Quebrando a solidão com sua terna canção.

Enquanto bailava e sapateava
E o seu pandeiro tocava,
Distribuía doces divinos
Além de muitas prendas
Jamais vistas e tidas.

Seria uma fada encantada?
Talvez, um anjo enviado
De cidade sagrada,
Famosa pelos milagres,
Conhecida pela magia.

De repente, todos sorriam,
Dançavam, bebiam e comiam,
Felizes com as prendas,
Que a cigana distribuía.

Naquele momento, descobriram
Que era uma festa a vida,
Cheia de cores e beleza.
Que só existia tristeza
Pra quem não soubesse ver
Um sorriso cheio de bem querer,
Um olhar cheio de amor,
Não expressando rancor e dor...

E a caravana lá vai
Pra outros lugares perdidos,
Cheio de muitos ais...
Levando a amizade
E muita felicidade
Através da simplicidade...

Espero que tenham gostado,
Aprendido e guardado,
Que depende do coração
Qualquer uma sensação...



O FAMOSO MÉ

E lá vou eu, contando e cantando,
Pros amigos desta banda,
Mais uma estranha história,
Que talvez nem acreditem,
Mas, de fato, aconteceu,
E quem quiser que conte outra...

No mato adentro de Minas,
Um dia, apareceu
Um bode muito cheiroso
E além disso, também, charmoso
E um tanto melindroso.
Pois flores sempre cheirava
E todo seu pêlo enfeitava
E um perfume espalhava
Por caminhos, que passava.

Até que um dia...
Um pobre roceiro o encontrou
E por ele se encantou.
Em todo lugar, em que ia,
Levava-o em companhia.
E a ele brindava
As mais belas flores, que achava.

Mas, em sua cidade, apareceu
Um circo prestigiado
E muito apreciado,
Em todo povoado.
E o dono conheceu
O bode cheiroso e famoso,
E ao roceiro ofereceu
Uma quantia generosa,
Por este animal especial,
Que possuía algo anormal.

O roceiro pensou e repensou
E com o bichinho conversou
Que sua vida seria melhor,
Com muita gente ao redor.

E assim Mé foi para o picadeiro,
Dançando e aroma espalhando,
E a todos deslumbrando
Com seu charme encantando.

Hoje,vi publicado,
Na revista “Mundo Estranho”,
Que um bode se aposentava
De um circo muito aplaudido,
Em todo mundo conhecido.

Durante décadas trabalhou
Como cheiroso bailarino,
Distribuindo aroma e flor,
Recebendo aplausos e sorrisos
E sendo muito bem quisto.

Houve festa de despedida
Com bolo de jasmim
E doces de flores sem fim.

E por aqui vai terminar
Este fato que até faz chorar,
Pra não dizer encantar
Aquele que acreditar
E jamais duvidar.



O VERDE DE MINHA RUA

Cidade grande, capital,
 Movimento, trânsito engarrafado,
 Agitação, correria,
 Transeuntes apressados,
 Atrasados para compromissos urgentes.
 Relembro minha rua.
 Recanto encantado,
 Resguardado, como um santuário,
 No meio de um burburinho sem fim...
 Enfeitada por ipês multicoloridos
 pela variedade de flores:
 amarelas, roxas, brancas...
 Saias de fadas, bordadas pela
 mãe natureza
 Além das quaresmeiras, salpicadas de
 botões roxos e rosas, formando caminhos
 pelas alamedas, jardins, parques, escolas, clubes
 Nos canteiros das moradias, ornando, durante todo o ano,
 verdadeiros ramalhetes de azaléias.
 Ao amanhecer, abafando barulhos de buzinas,
 a cantoria de sabiás, entoando canções divinas.
 Ao anoitecer, quebrando o cansaço, as preocupações,
 as tristezas, a labuta diária,
 ouve-se, ao longe, o repicar dos sinos,
 anunciando a Ave-Maria,
 agradecendo o fim de mais um dia,
 abençoando os corações...

“ Rua minha
 Verde rua
 Canto encantado
 Todo bordado
 Do céu doado”

O MERCADINHO DE NICOLA

Esperança. Até que enfim, encontrariam a paz, longe de guerras e de temores. O navio os transportariam a uma terra cheia de possibilidades futuras. Deixariam para trás, com tristeza, a terra natal, a adorada Itália.

Seriam instalados, num pequeno vilarejo do interior de Minas, Campestre, entre vales verdejantes e campos produtivos.

Sem dúvida, fariam uso de suas experiências anteriores. Como Nicola era comerciante, tentaria montar um mercadinho, ajudado por Carmela, com suas habilidades : não só de cozinha, como de costura, tricô ,crochê além de lavar e passar muito bem

Assim, a princípio, fizeram uma pequena horta, compraram galinhas e porcos. Vendiam o que produziam: lingüiça, carne seca, sabão de cinza, tapetes de corda. Carmela, sempre trabalhadeira, oferecia-se para lavar e passar roupas de pessoas mais abastadas. Com os miúdos conseguidos, dirigiam-se às cidades maiores para comprarem mantimentos necessários ao povo do vilarejo.

Vieram os filhos, uma ninhada de cinco, os anos passaram, e a portinha tornou-se o mercadinho mais procurado da região. Se alguém tivesse precisão de alguma coisa não existente ali, lá ia Nicola em busca, onde quer que fosse. E, aos poucos, foram melhorando o local: puseram prateleiras, um balcão com caixa, geladeira, com refrigerantes, mesas e cadeiras, para servirem pequenas refeições. Compraram a casa vizinha e ali colocavam as verduras fresquinhas de sua horta, além das frutas do pomar e ovos das galinhas. Contrataram auxiliares, pois o negócio crescera.

E, com toda essa labuta, criaram os filhos, dando-lhes tudo para progredirem em suas vidas. Um deles tornou-se um grande médico da região, amado e conhecido não só pela competência, mas pela bondade.

Nicola e Carmela, pessoas inesquecíveis. Seu exemplo de luta, de coragem, permanece presente nos corações daqueles que os conheceram.

SÁ SEBASTIANA

Percorro, com as lembranças e as saudades, a casa de meus avós, encravada nas serras mineiras, onde passei grande parte de minha infância. Casa térrea, comprida, alpendre de entrada, repleto de samambaias de metro, porta de vaivém, sempre aberta, convidando a todos a entrarem, sala de visita, duas salas de jantar (uma, reservada só para as visitas, outra, para as refeições do dia-a-dia), um corredor estreito e muito longo, cheio de quartos (do casal e dos filhos), dois banheiros enormes e, finalmente, a cozinha, que dava para o jardim repleto de roseiras e para o quintal cheio de jabuticabeiras, cachorros, gatos, galinhas e até um bode. Para completar esse lugar tão querido, no fundo do quintal, deslizava o rio, que atravessava toda a cidade. Que delícia!

Volto à cozinha, lá está ela, Sá Sebastiana, com suas ancas largas, sua saia comprida e rodada, seus alvos aventais e o lencinho branco amarrado à cabeça. Era de cor negra, retinta, com seus dentes alvos, nariz muito bem feito. Seu colo aconchegante, quantas vezes me acarinhou...E, balançando as cadeiras, mexia enormes tachos, panelas de ferro e de pedra, colocando lenha no fogão, sempre atenta aos chamados e diversos serviços.

“Que cheirinho gostoso, posso provar um pedacinho?”

“Mariquinha das chinelas, corra já para dentro, se provar um bocadinho, não almoça um tiquinho.”

“Tá bem, tá bem....então me carregue no colo e conte a história do dragão que gostava da princesa e, depois, quero tomar o leitinho de espuma que faz bigode...”

Tudo tão longe e tão perto do coração...

Vira, vira, vira mundo

Rode, rode pro passado

Traga a infância querida

Desfaça a vida sofrida...



UMA TARDE INESQUECÍVEL

Entrei, no táxi, acompanhada por minhas quatro amigas encantadoras, levando, juntamente, com ele, meus pensamentos agitados com as preocupações rotineiras.

Marginal, buzinas, transportes apinhados de gente...Nas calçadas, um povo apressado, com feições severas, como suas vidas.

De repente, surgiu o edifício da Pinacoteca, onde, outrora, abrigava o Liceu de “Artes e Ofício”.

Galgando seus degraus de entrada, penetramos num mundo surpreendente: construção neoclássica, tijolos à vista, teto alto, com vidros, refletindo luz natural.

Por um momento, o cotidiano esvaiu-se. A beleza do local apagava preocupações, tristezas, afazeres diários.

À nossa frente surgia algo muito diferente, povoado pelas mãos de artistas, que, através de seus dons, manifestavam o que havia de divino no ser humano.

Desfilavam, diante de nosso curioso olhar, os talentos de escultores, como Brecheret, com “A Carregadora de Perfume”, Rodin e muitos outros.

Os quadros, com suas harmoniosas cores, tingiam as paredes.

Diante de nossa admiração, pintores se personalizavam, com suas obras famosas: Antônio Rocco, com “Os Emigrantes”; Portinari e seu “Mestiço”; Almeida Júnior, além de seu “O Violeiro”, a comovente representação de “A Saudade”; Pedro Alexandrino e sua natureza morta, “Bananas e metal”; o emocionante “Fim de Romance” de Antônio Parreiras; Poncetti, tecendo “Musa da Paz”; Miguelzinho Dutra em “Vista da Cidade de Itu”; Oscar Pereira da Silva e a belíssima “Escrava romana”; Anita Malfatti, em “Tropical”; Di Cavalcanti e “A Mocinha com gato à janela” e tantos outros imortalizados na arte.

A arte fotográfica desfilava no subsolo: Cazuza, Maria Bethânia, Nara Leão entre outros...

Ao sair, a cantina, no lado exterior do prédio, enfeitado com um lago, cheio de carpas, transportou-me a um tranqüilo recanto de paz.

Adiante, “O Jardim da Luz”, com suas árvores seculares, lagos, coretos e colares de coco ornando os troncos.

Tarde insquecível
Túnel do tempo
Nas Artes, eterno
Terno
Prazeroso
Divino
Admirado
Canto encantado de encanto...



SONHO? REALIDADE?

A noite está chegando...Por que fui me afastar do grupo? Ora, aquela árvore me encantou, nunca havia visto folhagens tão brilhantes, flores com um colorido divino, que pareciam orquídea, lírio, sei lá....impossível descrever.

Juro que não estou apavorado....Mas este uivo, que esquisito, será um lobo? Deixe me acalmar, afinal, sou um escoteiro de 1ª classe...Nada me causará medo. O jeito é subir neste tronco e tentar avistar o acampamento, ou algum sinal de vida. Ai, Jesus, este tronco está se movendo! Não é tronco, é uma cobra. O negócio é fugir daqui, procurar algum abrigo mais seguro. Será que meus amigos estão preocupados comigo? Estão me procurando? Tenho certeza que sim. Porém, no escuro, jamais me encontrarão. Olhe, uma cachoeira, realmente, linda, com o reflexo da lua e do luar. Ali, adiante, há uma gruta. Penso que é um bom lugar para proteger-me. Quando o dia surgir, tentarei encontrar o meu grupo.

Como estou cansado e com tanta fome...Ainda bem que ainda tenho água no cantil. Acho que vou dormir um pouco para o tempo passar depressa.

De repente, escuto uma voz:

“Meu jovem, está perdido? Isto já é comum por aqui. Jovens desgarrados do grupo...”

Agora, acho que enlouqueci de medo. Estou até vendo fadas? Não é possível...Que linda! Igualzinha a que já encontrei nos contos de fada do chato do meu irmão caçulinha.

Bem, vamos lá, seja homem, converse com a jovem. Não é todo dia que aparece uma assim...tão charmosa...tão...tão...

“Docinho de coco, será que seria possível você me ajudar encontrar a minha turma? Assim, eu te apresento para eles, e, quem sabe, você poderia fazer parte da galera...”

“Então, vamos lá, antes que seja devorado por uma onça, ou outro animal selvagem. Mas, em troca, gostaria que me desse essa boininha tão legal ,que está usando, vou parecer uma francesinha!”

“O.K ! Posso lhe dar, também, um beijo, por salvar-me de tanta tremedeira.”

Epa! pra onde ela está me levando? Lá estão eles!!

“Venha, venha, vou apresentá-la para todos...Não, não fuja....”

Não adianta, sumiu...Quem sabe era algum anjo da floresta. Bem, se revelar o que aconteceu comigo, será que vão acreditar? O melhor é ficar calado e sonhar com minha fada encantada.

“Zé, Joca, Lucas, Pedro....Cá estou eu, resolvi tomar banho na cachoeira, por isso é que demorei para voltar.”



LUCIMAR, OLHOS DA COR DO MAR

Boa-noite, estimado auditório,
Cá estou eu, com viola e cantoria,
Debaixo deste céu estrelado,
Ouvindo o som deste mar,
Com ondas a arrebentar,
Nas praias de Salvador,
Abençoado pelo Criador.

Peço-lhes, agora, a palavra,
Portanto quero silêncio,
Pra poder lhes contar,
Um causo de amor famoso,
De um trio pra lá de amoroso.

Havia, por estas bandas,
Uma linda morena jambo.
Seu nome? Lucimar,
Com olhos da cor do mar.
Pequena e rechonchuda,
De banhas sem gordura,
Cabelos negros, até azulados,
Lábios grossos, dentes alvos,
Com andar sensual, um encanto.
Conhecida em todo canto,
Pela beleza e sabedoria
Da culinária baiana.
Pois desde menina sabia
Diversos pratos da terra:
Molhos, temperos, quitutes,
Gastando sal e açúcar...

Era chamada pra ajudar
Em efós, fazia moquecas, xinxins, vatapás.
Seu nome foi se espalhando,
E receitas ia ensinando.
Mas, um dia, apareceu Mané,
Rapaz muito animado
E pra lá de aprumado.
Lábia fácil, conquistador,
Bom de samba e requebrado,
Além de pandeiro tocar,
Pro ritmo acentuar.
Lucimar quis então casar,
Pro relacionamento firmar.

Porém Mané, sabe como é,
Não deixava de se apaixonar
Por toda morena bonita,
Que surgia no lugar.
Lucimar vivia a chorar
Não adiantava, jamais iria se emendar.
Até que num carnaval,
De tanto sambar, beber, cantar e pular
Seu coração parou
E a animação cessou
Foi pra baixo da terra,
De baiana fantasiado,
Levando pro lado de lá
Toda alegria de seu gingado.

Lucimar de dor a chorar,
Andava espalhando tristeza,
Perdendo quase a beleza.
Até que Pacheco conheceu,
Um farmacêutico formado,
Sério, rico e estimado.
Bem falado por todo lado,
Como competente distribuidor
De remédios pra curar
Males e achaques.

Não é que se apaixonou
Pela bela Lucimar!!
E com ela queria se casar.
Nova vida pra essa moça,
Que continuava cozinhar
Pro doutor, que a soube amar,
Além de muito a respeitar.

Adeus, maroto Mané,
Você não dava mais pé
Só gostava de divertir
E o coração não sabia repartir.

Até logo, meus companheiros,
Chega...chega de cantoria.
Amanhã, vou retornar
Pra outros causos contar.



A LOIRA DOS MEUS SONHOS

Final de semana, casa, família problemática, e , ainda por cima, a mesmice de sempre: comprar o que falta de mantimentos, assistir à TV, ou alugar algum filme e todos com os assuntos e queixas de sempre.

Na hora do lanche da noite, senti que formávamos uma estranha cena à mesa. Por que não trocavam as lâmpadas da copa por outras mais fortes? Economizar a energia? Que bobagem! Uma vez que se gastava tanto em outras coisas inúteis, supérfluas... Olhei a feição de cada um...Naquela meia luz, parecíamos fantasmas. Estava a ponto de estourar, não agüentava mais. Resolvi dar uma desculpa qualquer – “ preciso comprar um remédio, vou até à farmácia”- a fim de sair um pouco para espairar, respirar...

Peguei o carro e guinado sem rumo, de repente, deparei-me com um barzinho, numa casa aconchegante, térrea, de tijolinho, lembrando as moradias européias. Estacionei o carro e decidi entrar para tomar qualquer coisa... Que paz! Mesinhas rústicas com toalhas coloridas, pequenos quadros enfeitando as paredes e um conjunto, tocando músicas românticas.

Sentei-me num canto, pedi um bom vinho para aquecer a alma e esquecer pensamentos... Mas eis que apareceu a cantora do grupo: tipo mignon, loirinha, corpo bem torneado com seu vestido escuro, curto, decotado, pernas bem-feitas, olhar esverdeado, pele alva, cabelos longos e cacheados... e a voz, suave, aveludada, cantando músicas de Vinicius, Tom Jobim, Caetano, Chico Buarque, Elis Regina, lembrando minha adolescência... No intervalo, dirigia-se a cada mesa, perguntando aos fregueses se gostariam que cantasse alguma melodia de sua preferência. Até que chegou a minha vez, engasguei-me ao admirar sua beleza e meiguice e gaguejando pedi-lhe minha música predileta, “Fascinação”.

Altas horas, voltei para casa, arranjando uma desculpa, não encontrava o remédio e tive que percorrer várias drogarias.

Com a alma aquecida e pensamentos sonhados,
energia renovada, rotina esquecida,
retornei à realidade...

POR ALGUM TEMPO...CALADOS
(variação do tema “Missa do galo” de M. de Assis)

Magra, seios com uma deusa de pintura, cabelos longos, desalinhados, como se tivesse levantado naquele momento, surgiu Conceição, na penumbra do corredor daquela casa. Vestia um roupão acetinado, escondendo a leve camisola, com uma das mãos levantava a barra, para que não se arrastasse, e, com a outra fechava a cintura. Seu andar era lerdo, dando um ligeiro maneio nos quadris. E os babados, contornando o pescoço e descendo em toda veste, fizeram-me sorrir fascinado.

Suas conversas tão tranquilas, sem consistência, efêmera nas frases, longe estavam do tom objetivo, que demonstrava no decorrer do dia. Com o braço apoiado na mesa, a manga escorregou até o cotovelo, notei o fino de seu pulso e alvura de sua pele. Como era bela, sua figura parecia ocupar todo o espaço daquela saleta. Abria a boca suavemente ao fazer alguma observação sem importância, umedecendo os lábios com a ponta da língua. Nunca estivera com uma senhora assim na intimidade, apenas com minha mãe, cujo olhar não se assemelhava a esse que ora avançava e, de repente, se retraía.

Seus olhos me pareciam castanhos e agora ficaram pretos, profundamente pretos.

Sem dúvida, estava extasiado, atordoado com a descoberta. Quis afastar-me, gritar, mas a hora era de calar e ficamos por algum tempo inteiramente calados.

Mais uns minutos e o vizinho viria bater à janela, chamando-me para a Missa do Galo.

Ficamos perdidos um para o outro... dentro de alguns minutos seria o nunca mais... nunca mais aquela sala, nunca mais aquela noite.

A voz do amigo, “vamos, Nogueira, a missa vai começar”, me fez voltar à realidade.

Conceição fechou o livro, trancou a porta, e eu afastei-me, caminhando, rapidamente, rumo à Igreja, com meu companheiro.

Olhando para trás, observei que o lampião do casario se apagara.

E tudo ficou perdido nos meus dezessete anos.

EPAMINONDAS, O INIGUALÁVEL INSPETOR MINEIRO

Boa noite, meu amigos,
A esta platéia retornei
Como sabem, nunca faltei
Pra novas histórias lhes contar
Imaginadas e verdadeiras
Com cantoria e brincadeiras
Mas pra sempre todos lembrar

Há muitos e muitos anos
Aqui era um vilarejo
Com poucos habitantes
Poucas casas, poucas coisas
Com apenas uma rua arenosa
Vermelha e poeirenta
Que a todos só encardia
E não dava nenhuma alegria

Até que um dia apareceu
Um padre muito simpático
Com seu sacristão ao lado
E ao povo prometeu
Uma capela erguer
Se houvesse contribuição
Para a sua construção

Na sua singeleza
O povo deu sua riqueza
Eram alguns tostões
Mas dava pra ajudar
O que queriam ganhar

No dia da inauguração
O sacerdote querido
Levou em celebração
Uma imagem de santa

Pedindo a proteção
Pra todos da região

Depois a todos falou
Para seu altar enfeitar
E pros pés da santa beijar
E, se possível, deixar
Algum objeto precioso
Que fosse o mais formoso
Pra capela decorar

Mas algo estranho aconteceu
Com mais de vinte fiéis
Quando dali saíam
Quase todos caíam
Esticadinhos e mortinhos

Ora, ora , Epaminondas dizia,
Preciso começar a agir
Afinal sou investigador
E a causa descobrir
Dos tristes falecimentos
Que não têm cabimento
Em gente tão saudável
E, além disso, tão amável

E, assim, começou procurar
Com a argúcia de seu olhar
Debaixo dos bancos e altar
E ao padre indagar
E ao sacristão questionar

O pároco respondia: foi emoção
O sacristão confirmava e acrescentava
Muita devoção, muita oração
Arrebenta qualquer coração

Mas como bom policial
Não deixou de vasculhar
Nem parou de tanto pensar
Queria só descobrir
E nada encobrir

Um dia, na distração
Na santa, esbarrou
E, sem querer, a derrubou
Que pena, se espatifou
Surpresa! Seria miragem
O que viu dentro da imagem!
Moedas e mais moedas
Além de jóias formosas
Muito, muito valiosas

No mesmo momento, descobriu
Que padre e sacristão
Eram, na verdade, ladrões
Houve ainda confissão
Nos pés da santa, colocavam
Um veneno fulminante

Quem os beijasse, morria
Pra que a família chorosa
A herança lhes dessem
A fim de homenagear
Ao parente tão querido
Que de repente havia partido

Nem preciso lhes contar
O que aos dois aconteceu
Mas gostaria de lhes falar
Que o povo muito grato
Não se esqueceu de festejar
Esse inspetor inigualável
Que será sempre lembrado
E muito mais estimado
Adeus, amigos queridos,
Espero que tenham gostado
Do caso que foi contato com todo o meu babado...

